

REDACÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO
ADMINISTRAÇÃO
Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
(CASA BRITO & SOUSA)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

PROPRIEDADE da Empresa da 'ACÇÃO SOCIAL'

ADMINISTRADOR-Avelino Gomes de Sousa

ASSINATURAS
Ano... 12\$00 Semestral... 6\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... 1\$00
Repetição... \$50
Comunicados — linha... \$70
Anúncios permanentes, contra
cota especial

Do crime á salvação

Desde há anos que as estatísticas da criminalidade estão dizendo a toda a hora que se torna absolutamente necessário reprimir, com todo o rigor, os bandos de facinoras que trazem em sobralto os cidadãos pacatos.

Nunca, como nos últimos tempos, se registou, neste país, tanto atentado pessoal, tantos crimes de toda a ordem, como os que quasi diariamente são arquivados nas colunas da imprensa.

Todos os que passeiam pelas ruas, principalmente de Lisboa e Porto, não podem saber se ao dobrar duma esquina lhes surgirá pela frente ou pelas costas alguém que, empunhando uma arma de bolso, lhes tire a vida! Ou se o estilhaço de uma bomba lhes não virá trazer a morte em qualquer sítio por onde passe!

Demais, nem em sua própria casa os cidadãos estão livres de atentados criminosos.

As bombas estoiram onde calha, onde as colóca mão de criminoso que numa atitude de indiferença ou de desprezo pelo ser alheio, atenta contra a propriedade que não é a sua, levando a morte, a ruína e o terror, a muitos inocentes e a muitas desprezadas famílias de bem.

E' a qualquer hora da noite ou do dia que os delegados do crime cometem atentados cobardes, os mais deles para ficarem impunes, como amiudadas vezes está acontecendo.

E tudo, por quê?
Tudo porque todos, desde governantes á governados, se tem acobardado demasiadamente e não tem tido a coragem de enfrentar os bandos de facinoras que dão a este país o aspeto sinistro de um antro de selvagens!

Não acusamos somente os governos do Estado por não terem organizado capazmente os meios de defesa contra os crimes que os perpetraram, nem acusamos somente as autoridades públicas por não terem procedido com decisão e com vontade de aniquilar as seitas que decidiram impor-se pelo terror e resolver se seus pleitos pessoais, sociais ou políticos, por meio da dinamite ou das armas de fogo.

Acusamos todos quantos tem consentido, complacientemente, tornando-se por isso seus coniventes involuntários, a propaganda dissolvente que se tem feito no nosso país, a preparação do ambiente criminoso em que estamos vivendo e que por isso se deixam amarrar ao pelourinho da cobardia moral.

Quando o dever de todos é lutar pela dignificação desta pátria, porque ela seja olhada sempre como pátria de um povo trabalhador, e honrado, de disciplina e de ordem, todos, uns por política e outros por comodismo, todos vão deixando que os mais audaciosos, os que não tem o culto dos mandamentos de Deus e o culto do dever patriótico, tripudiem á vontade sobre esta geração que por si mesma se perde.

E' preciso reagir. Não vale discutir em família, á mesa de um café ou comodamente sentados

em qualquer sítio, num estabelecimento ou num largo público, os acontecimentos da hora presente.

O que não tem remédio, remediado está, diz o nosso povo, quando reconhece necessidade de afastar da ideia alguma coisa que o preocupara e se decide a trabalhar para recuperar o perdido.

Já não tem remédio os muitos crimes cometidos nem os erros em que nos deixamos envolver. Tem porém remédio a ordem social, tem remédio a moral pública, tem remédio a Pátria.

E' questão de todos se comprometerem disso, de que valiam os seus esforços, de que não um só, mas todos juntos, somos capazes de reestabelecer a unidade moral da raça e dar a Portugal dias de ventura, pelo restabelecimento do socego público e da boa ordem das coisas.

A resistência contra o crime, faz-se pela pregação e pela prática das virtudes cristãs, faz-se, pregando e praticando a caridade e a justiça, faz-se, moralizando cristãmente a sociedade, fazendo, zelando os nossos interesses e os interesses de outrem com os olhos da Razão—e faz-se—restituindo á Igreja Católica todas as liberdades de expansão da sua formosa doutrina, que é a do Evangelho de Cristo, resumida, para melhor prática, no Decálogo!

Que Cristo reine nas escolas, nos corações, nas inteligências, na família, nos tribunais, na administração pública, em toda a sociedade organizada, que este povo, que não perdeu de todo a ideia de Deus, ressuscitará para a vida do trabalho honesto, respeitando tudo e todos, como é próprio do seu passado, — como é próprio da raça que sempre soube vencer as maiores crises e realizar as maiores empresas, guiada pela sua estrela, tão linda e tão comunicadora da certeza da vitória, que nas antigas naus e agora nas azas dos aeroplanos, foi e é levada pelos navegantes.

Essa estrela é a Cruz de Cristo!

Quem se fizer acompanhar por Ela, não é capaz de um crime, quer seja contra si mesmo, quer seja contra o seu semelhante.

Seja a Cruz de Cristo a bandeira que reúna em sua volta todos os que decididamente desejam a salvação da Pátria, que a Pátria ressurgirá resgatada a este reinado do crime em que se debate, fructo da propaganda dissolvente que irradiou das chóças e veio para as ruas, agitada pelo vento do triunfo, naqueles celebres e nunca olvidados estandartes que traziam a inscrição da morte moral dos seus seguidores: ... Sem Deus. Sem Religião...

Queiramos saber vencer. Façamos da vontade o simbolo, da honra a coragem, de Deus a arma do combate, da Religião o caminho para a vitória, e da sociedade, que é a Pátria, o objecto da conquista.

Venceremos assim, por Deus!

Mário Silveira.

OS SINOS

Uns, profanando os sinos dos campanários, fazendo-os tanger para manifestações políticas.

Outros, profanando altos e sagrados poderes da Igreja, gazetilhando, gaitofeiros, irreverentes...
Rira bien qui rira le dernier...

Tange, tange, augusto bronze... disse o poeta naquela toada linda, singela, expressiva, repassada de sentimentalismo cristão.

Tange, tange—tan... tan...—augusto bronze—bron...—teu som... alegre e festivo, despertando—tan...—ecos do peito, faz-me ficar pensativo—pen...—

E assim, numa onomatopeia sucessiva, variada, encantadora, o poeta inspirado, fazendo bater badalar, a lingua, em repetidas vocalizações nasaladas, dentro do nosso palatum—maravilhoso ressoador vivo—nos reproduz á maravilha as surpreendentes sonoridades do sino, no decurso da magnifica poesia "os sinos da minha terra".

Sino, sino do campanário—signum Ecclesiae, eis a sua expressão mais justa, o seu uso mais adequado.

"O que constitui o sino, dizia belamente Girard, não é o metal que o compõe, a forma que reveste em sua massa, nem mesmo o ruido com que ele fere o ar; são as suas harmonias com a Religião, as artes, a pátria, a natureza, a sociedade; as suas relações com o Ceu e a Terra, o mundo e o tempo, as coisas da vida e as coisas da morte,—com as alegrias e as dores do homem,

Ce qui constitue le cloche, ce sont ses relations divines... ou antes, traduzindo—o que constitui o sino são as suas relações divinas, humanas, simpáticas, moraes, poéticas; são as ideias que ele evoca, as emoções que desperta, os serviços a que é devotado; é o eco e ressonância que ele tem nos corações; é, pôde dizer-se, sua intenção, seu motivo, é a sua alma, a sua vida.

Ora o sino, tomado neste sentido elevado, assim entendido, é *douteira, inspiração e criação católica.*

Grande e sublime ideia!—continua, em epílogo, o formosíssimo excerpto—: Pregação, vós, no Oriente e no Occidente...—mas vá mesmo em francez, para não perder o encanto do sabor nativo—: *Voix á l'Orient, voix á l'Occident, voix du Midi et du Septentrion, voix des peuples, et voix de Dieu, voix de la vie, voix de la mort, voix du danger et du secours, voix de la prière et de la action de grâces!*

Simplemente belo e exacto. E' assim que o descreveram prosadores insignes, como Chateaubriand, e egrégios poetas, como o nosso João de Lemos.

E' assim que o declaram as próprias inscrições que sinos dos santuários costumam ter gravadas em altos ou baixos relêvos, como esta = *Laudo Deum verum: plebem voco congrego clerum: defunctos ploro: festa decoro. Em vernáculo: Louvo o Deus verdadeiro; convoco o povo; reüno o clero; choro os defunctos; dou solenidade ás festas.*

E' assim que a Igreja, numa cerimonia cheia de poesia e simbolismo, os baptisa ou consagra,

dedicando-os, por uma benção especial, ao culto divino.

Os historiadores fazem remontar o uso da benção dos sinos ao século VIII.

Já os concílios de Bourges (1584), Aix (1585) e Tolosa (1590) interdittavam o uso dos sinos para fins profanos. E tem sido praxe regular da igreja; a entre nós, as *constituições sin.*, n.º 512, traduzindo e completando os can. respectivos do Dir. Can., estatuem: "... Que sem licença nossa (do ex.º Ordinário l.) se não faça uso dos sinos para celebrar de qualquer modo acontecimentos profanos, bem que do interesse geral ou mesmo nacional, que tenham ou possam revestir caracter politico".

Ora, á face disto, compreende-se que se usasse dos sinos, como usou, com antuência e aprazimento das autoridades eclesiásticas, para solenizar acontecimentos profanos e patrióticos como foram os maravilhosos *raids* aérios Lisboa-Macau e Lisboa-Rio de Janeiro. Isso sim: foram lidimas glórias nacionais, incontestadas, inofensíveis, sobre cuja exaltação convergiam, sem discrepância, todos os ânimos.

Mas agora faze-os tanger para glorificar o 5 de Outubro—um acontecimento politico que uma grande, grandíssima parte da nação repele e tem como um desastre—; e isto depois de os homens do novo regime o terem comprometido sucessivamente com uma pezada soma de leis e processos ruinosos inclusivé sob o aspecto religioso; e isto no momento em que perpetrava a protervia sacrilega de profanar e extorquir o templo de St.ª Joana e no momento em que lilipucianos estadistas nossos se dão ares de macaquar os Herriots de fóra: não há negar que é uma insensatez sarcástica, a roçar pelo sacrilégio.

Razão têm pois os censóres desse reprovável procedimento, quando justamente o estigmatizam.

Esquecem-se todavia alguma coisa que os...

E' que *nilhil sub sole novum* como dizia Salomão...

E' que, se na biologia a geração espontânea não se pode ainda demonstrar e *omnis virus ab ovo*, no meio social sucede similhantemente e — todos os factos sociais têm os seus precedentes, determinantes, que, no sentido pejorativo se prendem por aquela conhecida lei traduzida por Camilo = *asneira nunca asneira.*

E' que, quando foi da efémera monarchia do Norte foi um horror e, diga-se tudo, uma imprudência pegada, uma insânia esse badalar de sinos por aí além numa impertinência louca.

Consequência: Finda a Traulitânia, vá o calão, veio o retorno, e... badalou-se brutalmente, a dobrar, a repicar, uma inferneira. Mas não há paridade! dirão dali, lampeiros é que a rep. é anti-religiosa e a m...

De vagar, poderei dizer.

Se não há verdadeira paridade há notável similhaça; que a tal m. fogaz restabeleceu o *slabi quo ante*, em que a Igreja tinha muito que lamentar, e para mais começou logo a estreiar-se, perseguindo instituições católicas, como poderei apontar.

E por hoje ponto. V. A.

CATÓLICOS, DE PÉ!

O governo, pretextando receios de alteração de ordem pública—o velho e estafado estribilho com o qual todos os governos e autoridades anti-católicas tem pretendido justificar atentados á liberdade de cada um poder manifestar em público as suas crenças—o governo, diríamos, acaba de dirigir mais um répto á consciência católica do nosso país, proibindo a romagem que no dia 13 de Outubro, aniversário das Aparições da Virgem em Fátima, concelho de Ourem, é costume realizar-se.

Nunca os católicos atentam nem atentarão contra a ordem pública!

E sempre que em romagem se dirigem onde quer que seja, eles caminham resando,—o espirito absorvido pela sua fé, o coração erguido para Deus!

Provocados, vaiados, por ditos escarninhos com que a descrença pretende feri-los—sabem perdoar aos cegos, que não veem a sua fé, aos surdos que não querem ouvir a voz da Verdade!

Assim caminham, confundindo sempre os seus agressores,—os que não tem a dita de crer como eles creem.

Porém, a romagem a Fátima realizou-se! A ordem não foi alterada!

O governo não teve coragem de manter a proibição!
Aos pés da Virgem, da nossa Rainha, da nossa Protectora, da nossa Mãe, ajoelharam mais de cento e cinquenta mil crentes, orando por Portugal, pedindo por esta Pátria, com aquela fé ardente que confunde e leva á heroísmo!

Foram cento e cinquenta mil almas, pelo menos, que a Virgem viu diante de Si, a rezar.

Aos ataques da impiedade, os católicos respondem com orações. Levam por armas o rosário, por escudo a sua fé, por balas... Padre Nossos e Avé-Marias!

Quem se atreve a dar-lhes combate?

Ninguém! Deus os protege!

Católicos, em pé! Chegou a hora de caminhar, de afirmar que o somos, de dizer aos inimigos da Igreja que estamos á postos, em linha, sob o comando dos nossos Bispos, para aceitar a batalha que nos é proposta.

Depois do encerramento da Igreja de Santa Justa, vinha mais outro ataque á nossa consciencia. Nada temos que esperar além destes factos! Temos que contar com a lucta. Preparemo-nos para ella. Disseram-nos há pouco os nossos Bispos:

Se amanhã a Igreja não for livre e as leis atentatórias dos direitos de Deus não forem revogadas, a culpa será vossa, que não pudestes ou não quizestes seguir o caminho que os vossos Prelados vos indicavam.

Confessamos que é só nossa a culpa de tudo quanto vimos sofrendo.

Sejamos sinceros, confessando que não temos seguido os nossos Bispos, que temos fechado os ouvidos ás suas palavras de conselho, ás suas instancias paternais.

E' hora de levantar, de tomar o nosso posto,—hora de unir!
Católicos, de pé!

Manifestação do Comercio

Como protesto contra a ilegalidade do regulamento da selagem das bebidas engarrafadas e perfumarias, e contra a prisão do 1.º secretário da Associação Commercial de Lisboa, sr. Pereira da Rosa, o Comercio de Barcelos encerrou as suas portas na terça-feira passada, tendo a digna Direcção da Associação Commercial telegrafado a sua solidariedade á sua congénere de Lisboa que tomou a patriótica iniciativa do movimento das forças económicas da Nação contra a acção pernicioso e a nefasta ingerência dos políticos incompetentes na Administração Pública.

A manifestação foi unanime porque a única excepção que houve no encerramento dos estabelecimentos apenas serviu para realçar e honrar a solidariedade do Comercio Barcelense que, mostrando-se unido na defesa dos interesses e do brio da sua classe defende tambem os interesses do público consumidor que é, afinal, quem tem sempre de aguentar, e de pagar curas, as extravagancias dos governos que só sabem — ou só querem — arranjar dinheiro sobre carregando o Povo que ainda há poucos anos «não podia nem devia pagar mais», com contribuições e impostos.

A digna Direcção da Associação Commercial telegrafou tambem o seu protesto respeitoso mas veemente, a S. Ex.ª o Presidente da República.

O encerramento da Igreja de Santa Joana, em Lisboa, para ser utilizada pelo Estado, representa uma afronta á consciencia católica do pais.

Contra essa afronta, o protesto dos católicos deve ser a reunião aos Bispos, a obediencia leal ás Suas ordens, o acatamento sincero das Suas instruções.

Catolicos de Portugal! Organise-mos para lutar contra os inimigos da nossa crença!

Tribuna livre

A BOA IMPRENSA

Diz-se a quatro ventos que S. Paulo seria jornalista, se visse em nossos dias.

Salvo o devido respeito pelo grande Apóstolo, era bem natural que assim fosse.

Quanto é salutar e decisiva a influencia do bom jornal na sociedade, do jornal sério e ponderado, profundamente católico e moralizador, proclama o bem alto a história do jornalismo desde os principios do século passado até hoje.

Ele é um dique que impede o avanço do erro e da corrupção; um farol que faz luz em milhares de mentalidades; um despertador de energias sãs e um porta-voz dos bons costumes; é, finalmente, um contraveneno que depura as intelegências e lhes abre novos horizontes, que ministra aos corações meios seguros para os impedir do contágio com o vício, que campeia iufrene por aí fóra. Ninguém ignora, por certo, a acção do *Univers* e do *Correspondant*, em cujas páginas pontificavam Luis Veuillot e Montalembert, em combate cerrado contra o descalabro das ideias do século. Veuillot foi sem duvida nenhuma a personificação da acção jornalística bem orientada, da ordem contra a anarquia. No meio do caos em que se encontrava a Mentalidade francesa, nem estar de ódios contra a Igreja e tudo o que fosse sagrado, consequência lógica das ideias da Enciclopédia e da revolução, éle organisou, construiu, orientou, e a verdade é que a sua influencia conseguiu imprimir caracter e formar opi-

nião. Ainda hoje quanto temos a aprender nos seus escritos!

Mas não precisamos de sair da nossa terra para reconhecer á evidencia os efeitos da boa Imprensa. Ao lado do jornal dissolvente que tão consideráveis males tem semeado, desde o encobrimento de roubalheiras até quasi á propaganda dos crimes passionais das vielas; ao lado desse jornal que incita á revolta, ao fabrico e lançamento de bombas, que felicita e galardoa verdadeiros assassinos, como esse Augusto Simões cuja pena acaba de ser comutada, que roubara a vida, a tiros de pistola, a um valente militar — o capitão Jorge Camacho, que tantos feitos de heroismo tinha praticado nas nossas campanhas d'Africa; ao lado desse jornal, dizia, tem Portugal possuido imprensa digna e honesta.

Lembro-me (e com que saudade, porque me vem a memória o tempo de criança!) dos dois grandes baluartes da Boa Causa, um em Lisboa outro na capital do norte, e do seu combate violento irresistível, quasi sobre humano, nos últimos anos do regimen deposto. O *Portugal* e a *Palavra* onde, de mistura com as lições do 1.º ano do liceu, me acostumei a admirar o talento do P.º Lourenço de Matos, do conde de Samodães, de Nuno e Pinheiro Torres, eram dois diários que se impunham pela rectidão de principios e sustentáculo da boa causa nacional e da Igreja. O que depois se passou, todos os leitores o sabem. A imprensa católica foi alvo de todos os insultos e arremetidas: — Que era a porta-novas e a defensora dos jesuitas, que fazia politica anti-republicana, diziam. E, á voz das lojas, a rua fazia quantas atropelias lhe apetezia, sem o menor escrúpulo e com a certeza absoluta de impunidade.

Hoje, felizmente, há já uma certa liberdade. Há mesmo um bom número de destemidos combatentes que se esforçam por recristianizar a sociedade portuguesa esquecida de Deus, e radicar de novo os bons costumes na alma nacional. As «*Novidades*» com o illustre leader da minoria católica na Câmara dos Deputados, a *Epoca* com Nemo, Trindade Coelho, Aliredo Pimenta, o *Diário do Minho* e a *Folha do Domingo*, brilhante semanário que se publica em Faro e do qual me ocuparei ainda um dia com vagar, se Deus me der vida e saúde, são verdadeiros paladinos da causa de Deus e da Pátria. Propositadamente designei para o fim a referencia á nossa *Acção Social*, que tambem tem encontrado as suas vicissitudes. Honra-me sobremaneira o convite para aqui escrever duas desataviadas linhas de quando em quando.

Agradeço-o, pois, prometendo seguir a norma das que escrevi aqui há anos, na 1.ª e 2.ª séries, e cumprimento os leitores, se alguns por ventura vier a ter.

J. da Silva.

Os Catolicos portugueses são homens de ordem, de disciplina e de fé. Respeitando o poder constituido, como respeitam, tem direito a serem respeitados nas suas crenças.

Devem exigir esta garantia, organisando-se, para defesa da fé.

ADIVINHA POPULAR

Numa cidade fechada,
Que um só postigo tem,
Vive gente toda armada
E de ser bem governada
Nunca se queixou ninguém.
Uma senhora eminente,
Que a todos governa e manda,
Não usa armas somente,
Por ser doce, suave e branda.

Decitração da última publicação: — *Meza de jantar*.

Pim-pam-pum

Estão as forças vivas revoltadas
Por via da famosa lei do sêlo
E o governo lhes chega a roupa ao pêlo
Com os sabres e armas aperradas.

Não quero o comercio vêr seladas
As garrafas da pinga e o frasco bêlo
De perfumes de luxo e, é bom dizê-lo,
De razão tem até muitas carradas!

Que o sêlo que, por ali, está a venda,
Na Parvonia, não há quem não entenda
E sempre pouco limpo e mal cheiroso...

E mau cheiro na pinga e no perfume
A todos causa horror e azedume!
A todos... a não sêr a um polhoso!

Já ouvi que a lei do sêlo vai, em breve
A' roupa estendêr-se que vestimos!
Perante tal assêrto nós sorrimos!
Pois quem a decretar tal lei se atreve?

Só um ministro que tenha o têsto leve,
Um gêbo, um toleirão! nós insistimos...
Mas do alto da duvida caímos,
Ao saber que já se pensa numa grêvel!

Se assim fôr, eu serei dos que mais grite,
Recorrendo até á dinamite
A' pedrada, ao chicote, á arma lisa!

Pois não basta selar a roupa branca,
Que de todos á vista não 'stá franca,
A... cueca, a... ceroula e a camisa?

Zagatotes

«Não combatem por Deus e pela sua Igreja, os que combatem fóra dos seus quadros e contra os Bispos»
(Palavras do grande Papa Leão XIII, que tem sido quasi repetidas, nos mesmos termos, por todos os seus sucessores.)

PELO ARCIPRESTADO

Aos Rev.ºs Párocos

A comissão arciprestal da Obra de auxilio aos Seminários lembra a conveniência de se fazer o peditório, a fim de serem prestadas as contas até 31 de dezembro.

P.º Rios Navais

FRANQUEIRA

(Da Chronica da Soledade)

XXVI

Capitulo IX — *Caso succedido neste Convento, em que se mostra o espirito profetico do Santo Fr. Antoni de Nebrixa; e memoria de hum Religioso deste Convento, que faleceu tratando dos apêstados;*

67—Deus nosso Senhor, que tem singular cuidado de prover ás Religiões Sagradas de brilhantes luzes de santidade foi servido pôr sobre o castiçal da nossa Santa Provincia, quando unida, huma nova, e maravilhosa luz de admiravel resplendor de virtude. Foi esta o Veneravel, e perfeitissimo Varão Fr. António de Nebrixa, Sacerdote dignissimo, e ferventissimo Prêgador entre todos os que mais o forão no seu tempo. Nasceu este santo Religioso em Lugar de Andaluzia chamado Nebrixa, e na flor da sua juventude, fugindo ás vaidades, e perigos do mundo, recebeu o habito de nossa Seráfica Religião na Santa Provincia de Andaluzia, e nella professou. Depois de viver nella algum tempo, tendo noticia do rigor, com que os Religiosos vivião na nossa em Portugal, se passou, e incorporou nella no anno de 1538 sendo Ministro Provincial o R. P. Fr. Diogo de Borba, onde viveo quarenta annos em tal exercicio de virtudes, que subio por elas a tão alto gráo de perfeição, que a muitos deo materia de admiracão, e a poucos lugar de poderem imitar o raro de suas obras heroicas.

68—Entre os dons da Divina graça teve o de profecia, como se vio em muitos casos, e entre elles no que succedeo neste Convento do Monte da Franqueira, sendo nelle Presidente, e Vigario com poder de Guardião o P. Fr. Diogo de Villaviçosa. Achava-se este fóra do Convento a negocios da sua occupação, e estava o Venera-

vel Fr. Antonio de Nebrixa na Capella maior da Igreja em oração: chegou a este tempo ao Convento o pai de hum Religioso, que estava servindo de Porteiro, chamado Fr. Ambrosio de Vieira, a quem vinha ver o dito seu pai; e como Fr. Ambrosio o visse, foi á Capella, onde estava o Presidente Fr. Antonio, dar-lhe parte que estava alli seu pai, e pedir-lhe licença para lhe fallar; mas o virtuoso Presidente antes de Fr. Ambrosio dar palavra alguma o prevenio, dizendo: *Idê irmão, e agasalhai muito bem a vosso pai*, do que ficou admirado Fr. Ambrosio, porque nenhuma noticia havia da vinda de seu pai, nem o servo de Deus o tinha visto vez alguma, nem o podia saber por via humana, senão por via daquelle Senhor, em cuja conversação estava. Não descrevemos por extenso a vida deste santo Religioso, porque como faleceo, e foi sepultado no Convento de Santo Antonio da Villa de Loulé, e este pertence hoje á nossa Santa Provincia da Piedade, ao seu Chronista pertence o elogiar, e descrever as suas heroicas virtudes e nós só faremos memoria das que obroa em alguns dos Conventos, que hoje temos, quando nelles morava.

69—He a peste açoute da ira Divina, e entre todas as calamidades desta vida e mais cruel, e atrozissima. Com muita razão lhe chamão por antonomasia o mal, porque não ha mal sobre a terra, que tenha com a peste comparação, nem semelhança. No mesmo ponto, em que se atea em hum Reino, ou Republica este arebatado, e violento fogo, se vem os Magistrados attonios, os povos assombrados, o governo politico sem fórma, a justiça sem obediencia, as artes sem exercicio, as familias sem concerto, as ruas sem concurso, e tudo reduzido a extrema confusão, desordem, e ruina, porque tudo arrastra, tudo consome, e tudo atropella o pezo de calamidade tão horrivel. Andava a gente toda sem distincão de estado, afogada em amarguras mortais padecendo ao mesmo tempo huns o mal, outros o temor, tropeçando todos a cada passo ou com a morte, ou com o perigo. Os que hontem enterravão a huns, hoje são levados a enterrar, coihndo talvez sobre os mortos na mesma sepultura aquelles, que acabavão de os metter nella. Temem-se os homens do mesmo ar, que respirão, temem-se dos mortos, e dos vivos, e até se temem de si mesmos, porque nos vestidos, que os cobrem, trazem muitas vezes a morte encuberta, e pela maior parte lhes servem os mesmos vestidos de mortalha, porque a pressa lhes não dá lugar a outra.

70—Vencido do temor da morte o amor das riquezas, e esquecida sem reparo a estimacão das alfaias mais preciosas, se entregão estas ao fogo, buscando-se, de boa vontade entre os desperdícios da fazenda alguma pequena esperanza de conservar a vida.

As ruas, as praças, e as Igrejas alastradas de corpos mortos formão aos olhos o mais lastimoso espectáculo, a cuja vista invejão muitos a sorte dos que morrem primeiro, por não verem morrer aos mais. Os povoados se trocáo em desertos, e esta mesmo sociedade accrescenta o temor, e o assombro.

Negão-se os amigos a qualquer acção de piedade, porque toda a piedade he perigo; e como todos o padecem igual, apenas se compadecem huns de outros. Afogando-se, ou esquecendo-se nos horrores de tamanha confusão todas as leis do amor, e natureza, são improvisamente apartados os fi-

hos dos pais, as mulheres dos maridos e os amigos huns de outros, apartando-se vivos (ausencia lastimosa) para não se verem mais nesta vida. Os homens perdendo o valor natural, e não sabendo dar-se a conselho, andão como cegos, e assombrados. Tropeçando, e cahindo a cada passo em seu proprio temor, e desacordo. As mulheres com prantos e alaridos lastimosos fazem a moir confusão, pedindo remedio em hum mal, que o não tem. Choram os meninos com innocentes lagrimas, e ajudão a sentir o que não sabem conhecer.

(Continua).

Ecos e Noticias

Foot - Ball

No passado domingo, no campo do Triunfo, teve lugar um desafio amigavel entre a primeira categoria do Sport Club da Povoia e o onze vermelho de Barcelos.

Na primeira parte os Barcelenses assediaram as rédes Poveiras mas sem resultado por uns dianteiros ligarem mal, destacando-se apenas Ramião. O Povoia apesar de não dominar, na primeira parte, conseguiu marcar 3 bolas, sendo uma de Penalty e outra em Off-side que o arbitro da Povoia validou.

Na segunda parte marcou o Povoia mais 2 bolas e o onze vermelho 1, superiormente marcada por Ramião.

No ultimo quarto d'hora os Poveiros dominaram mostrando Amadeu as suas magnificas qualidades de Guarda-Redes.

Sport Club de Barcelos

Este florescente e simpatica agremiação Desportiva da nossa terra já conseguiu, com a boa vontade d'um proprietario da vila, um terreno para o seu parque de jogos. As demarches foram feitas pelo seu presidente Ex.º Sr. Conde de Vilas Boas.

Tambem esta colectividade está tratando de conseguir uma reunião de caçadores do Concelho para eleger a comissão venatoria.

Apetecemos ao S. C. B. muitas prosperidades.

Os nossos contos

Com este título e em forma de folhetim, iniciamos com o presente numero da *Acção Social* a publicação de contos escolhidos de entre os de mais atrativos e de fino enredo.

O que hoje começa a publicar-se, intitulado «A Boneca», é, além de um formoso estudo psicologico, um traço fiel da vida. Temos a certeza de que vai ser devidamente apreciado pelos nossos leitores.

Cinematografo

Inaugurou-se no ultimo domingo, com a fita em series intitulada «Misterios do Oriente» da qual foram corridos os primeiros episodios, a época cinematográfica no teatro Gil Vicente.

Casa regular, tendo agradação a pellicula. No proximo domingo continuação dos «Misterios do Oriente».

Relaxe de contribuições

No dia 30 do corrente mez de outubro, são relaxadas todas as contribuições de quantia não superior a esc. 10\$00; e no dia 30 de dezembro serão igualmente relaxadas todas as de quantias superiores áquela.

Aqui fica feito o aviso aos contribuintes, para evitarem as despesas do referido relaxe.

«Novidades»

Agradecemos a este nosso prado colega da capital, a transcripção, que fes, da nossa local do ultimo numero intitulada «Mais uma infamia!»

Uma carta

Escreve-nos o sr. Manuel de Sousa Martins, proprietário de Drogaria, agradecendo a este semanário a verdade com que se referiu á morte do sr. Amadeu Cardoso, dizendo-nos que na sua drogaria apenas se vendem drogas e artigos especializados e não medicamentos manipulados.

Absolutamente lias e verdadeiros como procuramos ser, usamos desta tribuna para sermos justos.

Ninguém tem, pois, que agradecer-nos que assim procedamos, visto ser este o nosso dever de consciencia e de jornalismo.

Dr. Manoel Pais

Datada de 14 do corrente, recebemos só hoje uma carta do illustre Presidente da Camara, ex.^{mo} sr. dr. Mignel Fonseca, tratando do assunto a que nos referimos em nosso n.º de 11 de setembro ultimo.

—Homenagem prestada pela Camara da sua digna presidencia á memoria do grande barcelense que foi o sr. dr. Manoel Pais.

A falta de espaço e de tempo impede-nos de a publicar hoje acompanhada de algumas palavras nossas. Fal-o-hemos no proximo numero.

Agradecemos, porém, desde já, as explicações que gentilmente s. ex.^a nos dá.

Cédula pessoal

A bem do serviço publico e para melhor regularização dos serviços de pedido e entrega de cédulas na Repartição do Registo Civil d'este concelho, pede-nos o nosso presado amigo sr. dr. Gonçalo Araujo, para aqui solicitar-mos do publico a fineza de fazerem as requisições de cédulas ás terças-feiras quintas-feiras e sábados, devendo as respectivas cédulas serem procuradas ás segundas, quartas e sextas-feiras, desde as 11 ás 14 horas.

Esposzende, 13

Morreu o Dr. Henrique Barros Lima! noticiou em resumo o ultimo numero da «Acção» e, assim o tinhamos comunicado logo que se deu o fatal desenlace. Certamente esta noticia foi uma dolorosa surpresa para todos quantos conheciam a robustez do inditoso moço, que a morte tão prematuramente nos roubou! Mas a nossa vida é assim; quando tudo parece sorrir-nos, vem inesperadamente um golpe certo lembrar-nos que neste mundo somos uma sombra que passa.

Apesar de sabermos ser muito grave o estado do Dr. Henrique, não pensavamos que a morte o arrebatasse tão depressa. Infelizmente no dia 6 a triste nova espalhava-se ra-

pidamente em todo o concelho, onde ele tinha amigos sinceros, verdadeiros admiradores. Era um bom o Dr. Henrique. Havia sobretudo nele uma grande qualidade, que ficará a marcar a sua inolvidavel memoria: era a caridade para com os pobres. Por isso a sua morte não foi só chorada pelo que ha de mais illustre em Espozende; o seu cadaver foi orvalhado principalmente pelas lagrimas de muitos pobres, a quem fez bem.

Em Espozende nunca se viu um funeral tão concorrido e em que o pranto fosse tão geral e tão sincero.

Ali compareceu toda a vila; ali vimos todo o povo de Fão; ali viu prestar a sua homenagem derradeira o que ha de mais illustre em todo o concelho.

O Dr. Henrique Barros Lima contava apenas 35 anos de idade. Nascido em Espozende, frequentou o collegio de Espirito Santo, em Braga onde concluiu os seus estudos de preparatórios. Frequentou depois a Universidade de Coimbra, tendo-se imposto entre a Academia pela lucidez do seu espirito e pela nobreza do seu carácter, qualidades estas que levaram a Academia a eleger-lo presidente, sendo nessa occasião que trouxe a Espozende a tuna académica.

Concluida a sua formatura em Filosofia e Medicina, quando ia principiar a exercer a sua profissão, foi chamado a prestar os seus serviços na grande guerra, tendo partido numa expedição para a Africa. Do modo como soube conduzir-se, falam as condecorações que mereceu.

Depois do armistício foi colocado em Fão, como medico municipal e nomeado medico do Hospital Asilo de S. João de Deus.

A testemunhar a maneira correcta e prudente como soube dirigir-se e conquistar a simpatia e admiração de todos ficará perpetuamente a inolvidavel e inexcedivel forma por que o povo de Fão manifestou o seu pezar e o seu sentimento, na sua morte e no dia do seu funeral. Passou a freguesia de Fão por uma crise gravissima, deram-se ali factos muito lamentaveis; mas no meio de tudo ele soube sempre trilhar o caminho do dever. Passou tudo e feita a pacificação, aparece nobre e digna a figura do Dr. Henrique. Sofreu afrontas injustas, sem duvida; mas os seus mesmos inimigos foram obrigados a reconhecer as suas altas qualidades.

Amigo verdadeiro e dedicado de Fão, ele estava empenhado no progresso e desenvolvimento dessa terra, que a todo o custo queria embelezar e fazer conhecida.

Deve-se-lhe a reforma necessaria da Alameda do Senhor Bom Jesus, hoje um dos logares mais encantadores do concelho e, se Deus o não levasse na pujança da vida, teria concluido o seu plano, em que tinha todo o empenho, pois para dedicar aos progressos da terra adotada todos os seuseucidadados ele vendera a seu irmão a quinta que possuia junto de Braga.

Deus porém não quiz que continuasse aqui a sua missão de fazer bem.

Conhecendo que era chegada a sua hora, o Dr. Henrique quiz confessar-se e comungar, o que fez com edificante devoção, assistindo toda a familia debulhada em lagrimas. A seu pedido, assistiu-lhe até aos ultimos momentos o Rv. Snr. Arcipreste e pároco da vila, que lhe administrou todos os sacramentos. Morreu, beijando o crucifixo, que ele mesmo pedira lhe dessem. Esta morte justa, que teve, mereceu-a de Deus, cremos, pelas muitas benemerências praticadas em favor dos desprotegidos da sorte. Não havia necessidade a que não procurasse valer. A maior parte do bem que fez ficou escondida dos olhos do mundo e só Deus conheceu, mas na sua morte vimos chorar muitos, ouvindo-se dizer: era o bemfeitor dos pobres, era o seu pai, e muito do bem que fez foi então publicado pelos beneficiados reconhecidos, que choravam a perda d'um verdadeiro amigo.

O seu funeral foi uma manifestação de sentimento, como nunca vimos. Durante os officios fúnebres, que foram feitos com todo a solenidade na igreja matriz da vila, com nma numerosa assistência de eclesiasticos, o templo conservou-se sempre cheio de fieis, em piedoso recolhimento e no acompanhamento ao Cemiterio tomaram parte todas as pessoas de representação da vila, todo o povo de Fão e muitas pessoas do Concelho.

Desde a igreja ao Cemiterio fizeram-se 9 turnos, sendo o ultimo, no cemiterio, formado por seis sacerdotes.

Sobre a urna funeraria foram colocadas muitas corôas e bouquets, destacando-se uma oferecida pelo povo de Fão ao seu medico. A familia Corrêa de Oliveira, em substituição da Corôa ofereceu 100\$000 para o Hospital. Para a mesma instituição de Caridade ofereceu 100\$000 o Snr. Valentim R. da Fonseca e igual quantia para os pobres.

Além de cem telegramas de pezar, que a familia recebeu, fizeram-se representar no funeral: O Senhor Arcebispo Primaz de Braga, Major Barbeites Pinto, de Barcelos, Dr.

Lima Torres, idem, Dr. Alberto Ribeiro, do Porto e Dr. Alvaro Souto, official do registo civil e delegado do Governo, em Espozende.

Dr. Jeronimo Louro de Braga representou os condiscipulos do morto.

Não fez testamento o inditoso Dr. Henrique, mas em recomendações feitas á familia deixou os seguintes donativos: Ao Hospital de Espozende 15:000\$000; ao de Fão 5:000\$000; para a fundação da Conferência de S. Vicente de Paulo, na vila 5:000\$000; á conferencia de Fão 1:000\$000; para as obras do Bom Jesus de Fão 3:000\$000.

Além d'estes legados, deixou diversas esmolmas para os pobres de Espozende e Fão.

A familia, em reconhecimento ao clero, ofereceu 200\$000 para o Hospicio do clero, de Braga.

A' inconsolavel familia Barros Lima ferida por tão rude golpe os nossos sentimentos.

Pela alma do falecido houve hoje missas do 7.º dia na vila e em Fão, sendo muito concorridas. Também em Fão houve exéquias solenes, no dia 9, tendo sido celebradas outras missas pela mesma intenção.

Deus tenha no ceu a alma do honrado Dr. Henrique.

—Concluiu hontem nesta vila o triduo do Sagrado Coração de Jesus.

Foi orador o distinto ornamento do pulpito, P.º Jacinto de Magalhães Abade de Mafameda.

—Retirou para Braga o Snr. P.º Manuel Alaio, distinto professor de Canto Coral no seminario e Liceu daquela cidade.

—Seguiram para os diferentes estabelecimentos de ensino todos os academicos do concelho.

Campo

O sr. dr. António Baião encontra-se incomodado dos olhos. Estimamos as suas melhoras.

—A missa do legado Ferreira Coelho, para comodidade dos fieis, passou a ser ás 9 horas.

—A sr.ª Francisca Exposta vae melhor.

—Com sua ex.^{ma} familia, retirou para Guimarães o illustre professor do Liceu e nosso presado amigo sr. dr. José Duarte Pinheiro.

—A incetar o novo ano lectivo, partiu para Braga o seminarista Domingos Pinheiro Barbosa.

—Principiou a obra de cair do cemitério parochial.

Abade de Neiva, 15

Começam amanhã as praticas preparatórias para a festa em honra do S. Coração de Jesus, que tem lugar no próximo domingo.

Será orador o rev. Leopoldi-

no Rodrigues Mateus, zeloso Codjutor da vila da Póvoa de Varzim.

Promove e custeia este triduo e festa o antigo Abade desta freguesia que, segundo fez anunciar, fará a sua despedida aos antigos parochianos no fim da Comunhão geral.

—Na Escola médica do Pôrto, fez exame de Especialidades Médicas, (4.º ano de Medicina) o snr. dr. Francisco Laranja de Castro Bicho, da Póvoa de Varzim que, nesta freguesia, onde deixou saúdaes e conquistou simpatias, fez uma estada de cêrca de 2 meses e meio.

Ficou plenamente aprovado. Os nossos sincerissimos parabens.

—Retirou para o Pôrto a snr.ª D. Laura da Silva Neiva Santos, com seus estremitados filhos e inteligentes, acadêmicos Joaquim, José e António Neiva dos Santos.

Os nossos cumprimentos de despedida.

Alvito (S. Pedro)

—Na próxima segunda-feira 20 do corrente, passa o anniversário natalicio do nosso querido e rev.º pároco. Dia de festa para ele, também é para os seus parochianos, que muito o estimam.

—Encontra-se nesta freguesia, a passar uma temporada, com sua Ex.^{ma} Esposa, o sr. dr. João Cardoso de Albuquerque, distinto medico que justamente conta mnitas simpatias.

Quiraz

—No último domingo aqui a festa de N. Senhora da Penha.

Foi precedida do costumado anniversário (confissões e officio fúnebre) e constou de missa solene, sermões, exposição e processão.

Vimos o sr. Bento Ferreira Carmo e ex.^{ma} esposa, de Braga, dr. Ferreira Pedras, ex.^{ma} esposa, sogra e filhinhos, sr. João Duarte, de Barcelos, e várias outras familias de fora que vieram participar da nossa festa. O clero foi hospedado em casa do sr. Paulo da Silva, com aquela amabilidade já proverbial nesta illustre familia.

Quando os catholicos estiverem perfeitamente unidos, a administração dos negocios publicos será feita com Caridade e Justiça. As leis serão de harmonia com os principios cristãos.

VENDE-SE

Duas moradas de casas, uma na rua Nova de S. Bento e outra no largo da Calçada. Falar com José Moreira dos Santos Ferreira, desta Villa.

Os nossos contos 1

PEDRO IVO

A BONECA

De quantos espectaculos é dado gosar a um homem do Porto, não há nenhum mais da minha paixão do que o das feiras de S. Miguel e S. Lázaro.

Se os feirantes podessem adivinhar o bem que lhes quero, e os votos que faço, para que Deus lhes conceda bom tempo, não havia um só, que deixasse de me dar o S. Miguel e o S. Lázaro!... Era o homem mais presenteado deste mundo!

Gosto daquelas feiras!... Diliçia-me aquele barulho, faz-me rir aquele originalissimo concerto ou desconcerto de assobios, tambores, trombetas e rebêcas, que, soando de todos os lados, ensurdecem a gente e nos irritam os nervos. Gosto daquelas duas feiras, repi-

to! mas dou a preferència á do S. Miguel.

Há maior espaço, mais desafogo, mais para onde uma costureira *ingénua* ou criada *inocente* se retire, para jurar em segredo ao namorado eterno amor, na esperança de lhe apanhar o S. Miguel.

O leitor acha talvez pueril o prazer, que encontro naquele espectáculo...

E' por que ainda não penso no partido que dête pôde tirar!

Dá margem a profundos estudos psicológicos!

Encoste-se a uma barraca, com sincera vontade de vêr, de analisar, de estudar e verá como, ao cabo de meia hora, há-de saber muito segredo, muita affição velada por um sorriso, muita lágrima represada, que uma palavra bastaria para fazer saltar dos olhos!

Imaginemos, por um pouco, que estamos numa barraca e analisemos.

Estudemos, por exemplo, este sujeito bem trajado, que contempla

todas as quinquetherias com olhos desanimados.

—Mal dita seja a pequena!... Que diabo hei-de eu levar a uma criança daquela idade!?... Aquêlle serviço de chá?... São capazes de me levar um dinheirão por aquillo! Se lhe dêsse uma boneca?... Ora adens! Quando Deus quer tem meia dúzia delas!

—E o peor não é isso!... O peor é ser preciso dar-lhe alguma coisa... O pai ralhou-lhe; mas, — a final, quem meu filho beija minha bôca adôça... E é que não tenho remédio, senão dar-lhe alguma coisa!... E' o meu chefe!... A's vezes vê-se um pobre diabo preterido; quebra a cabeça para descobrir o motivo, e, a final, prende a coisa uma sensaboria destas! Mas, que lhe hei-de eu levar!?... Vejâmos noutra barraca...

E o homem bem trajado retrai-se... mas deixa-lo ir; já deu o que tinha a dar.

—Então, sr. Souza... Olhe que nos ha-de dar o S. Miguel! — diz uma travessa menina de desoito

anos, falando por si e por duas amigas da mesma idade.

—Oh! minhas senhoras... Com o maior prazer!... O que V. Ex.^{as} quizerem... — responde o sr. Souza, rapasôte de vinte e tres anos, com um destes sorrisos — que vulgarmente se chama amarelos.

Não façam caso do que ele diz! Olhem para a côr do sorriso, pois é ai que está o segredo!

Aquele sorriso... chora!

—E eu que só trago quinhentos e vinte!... — eis o que diz o sorriso.

Deixemos o mancebo, e aproveitemos esta familia.

Oh! que horrivel pequeno!... Que berreiro!...

—Eu quero aquele tambor... Eu quero uma espingarda, papá!... Eu quero aquela espada... mamã!... Eu quero aquele cavallo!...

—Está bom!... cale-se... O menino escusa de chorar... Vá... cale-se!... O papá vai dar-lhe o S. Miguel... — diz a mamã, vexada pela triste figura, que o filho está fazendo.

—Compra-lhe alguma coisa, Au gusto... — diz timidamente a esposa.

—Pronto!... vamos a isso!... responde o papá, que não quer passar por avarento na opinião dos circunstantes.

O bom do homem compra uma espada; mas, como feita a compra, o pequeno recomeça a ladainha dos *queros*, o chefe de familia diz severamente: — «O menino não tem querer!» e acrescenta em forma de satisfação ás testemunhas daquela scena: «Isto de crianças é preciso não lhes fazer a vontade em tudo!»

Tres passos a diante, diz ele com mau modo á esposa:

—Aí está... Eu bem não queria que trouxesses o pequeno... Ai estão dose vintens bem empregados!...

—Coitadinho!... — diz a mamã, dando um beijo ao filho. Não quem que sejas criança...

—A senhora não sabe o que diz... — volve o marido impaciente.

(Continúa).

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SEDE = RUA D. ANTONIO BARROSO = BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais cores.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis, de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritorio.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}
 (FABRICA DA GRANJA)
 Largo da Granja, 9 a 17 - BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e apidez, qu alq ue encomenda, com gande vantagem e econ omia paa os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

BARCELOS

Completo e variado sortido em casimiras, chales malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

RRITO & SOUZA

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
 Rua Manoel Viana, 1a 7

Chá, café e papelaria.
 Arroz, assucar e bacalhau.
 A zettes especiais.
 Massas de superior qualidade.
 Depósito da COMPANHIA VE-
 LHA DO ALTO DOURO.
 Bolacha fina, biscoitos de Valon-
 go, Louças e vidros.
 Farinhas emuitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos são sempre fielmente cumpridos, e de q e os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.

Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,